

1

PARTE I - Introdução

*De uma cidade não aproveitamos as suas sete
ou setenta e sete maravilhas,
mas a resposta que dá às nossas perguntas.
(Italo Calvino)*

1.1

Parte A

Tudo isso faz parte do desejo de entender o espaço. Não há como esplanar o atual estágio desta investigação, nas linhas que virão, sem antes deixar saber que o desejo é antigo, e a tarefa afetiva. Ele parte de uma vivência acidentada, desde sempre em trânsito por diversas *idades-qualquer*, umas maiores, outras menores, e todas gritando – em dissonância com o afinado coral das identidades locais - que eram as mesmas. Havia sempre alguma coisa em segredo, alguma força motora, fazendo parecer que os espaços se correspondiam, ou se complementavam: continuidades, analogias, traduções, surpresas, superações, rupturas.

O pensamento deliberado sobre essa matéria nasce da constatação do trânsito, do movimento das pessoas e das coisas. Primeiro no sentido formal, fenomenológico, evidente – a dinâmica das cidades visível aos olhos, o *ir-e-vir* cotidiano. Depois, no sentido abstrato, que é a palavra mais concreta e objetiva para designar o real simbólico, subjetivo, conceitual, complexo, codificado, etc. A constatação do trânsito aliada ao pensamento abstrato forja a marretada a idéia de que não existem espaços vazios porque – essa era a grande sacada [até agora importante, uma vez que norteia diversas tentativas e exercícios] os espaços não existem antes das coisas e das pessoas. Usando um vocabulário mais técnico – o que era de se evitar, porque nessa fase do interesse pelo tema, não existiam as Letras, só as Ruas – o espaço passou a se mostrar sempre *a posteriori*. *A priori* só as vontades; as perguntas e as respostas; o posicionar-se. Assim, o espaço era um resultado. Um produto relativo a tomadas de posição, tanto no sentido evidente quanto no abstrato. Por isso também esse pensamento acaba por deflorar a questão política. Os pares Identidade e Diferença, Individual e Coletivo, Dentro e Fora, por

exemplo, tornam-se noções dinâmicas, e Liberdade, palavra mais importante do pensamento político, é estar em movimento – em todos os sentidos.

Na década de oitenta, o espaço dito internacional se ocupava do fantasma “fim-da-guerra-fria”, uma vez que o “guerra-fria” propriamente dito já não espantava muita gente. Os códigos e os posicionamentos se moviam velozes, o *punkrock* se coloria, a contracultura aprendia marketing e por essas *cidades-qualquer* queria-se abertura para comprar tudo isso. Das poucas coisas passíveis de serem compradas, um *skateboard* acabou por fazer a diferença. Ser mais um vetor do trânsito na cidade muda toda a perspectiva do pensamento; e ainda, na perspectiva do *skate*, soma-se o lúdico. A arquitetura e o urbanismo moderno, a velocidade por terrenos acidentados em contraste com obras bem acabadas do estado, o desenvolvimentismo armado em concreto, o social, as escadarias e corrimãos, o antropológico, o mármore, o étnico, o metal; todas as dimensões, diversas justaposições, variadas prensagens, infinitas tramas de espaços e pensamentos em trânsito na cidade. O pensamento é também mais um espaço, resultado de desejos reais e necessidades (ou excedentes) materiais. Pensar torna-se igual a ocupar espaços, e certos pensamentos passam a ser possíveis em ressonância a determinados lugares; e vice-versa. Todo espaço é inventado. E o pensamento?

Com todas essas considerações, basta agora inventar o mundo, que aliás já foi inventado há muito tempo, diversas vezes. Tomar partido, posicionar-se, criar lugares, topos, utopos, distopos, heterotopos; e transitar. Parece que o fim de tudo isso é mesmo físico, material, sensível. Sentir as forças mecânicas atuando, as forças policiais controlando, as forças morais implorando, e o desejo orbitando por tudo, nem sempre tentando se equilibrar – em todos os sentidos. Parece possível sentir também o pensamento.

Agora que nos encontramos aqui, no território das letras, o tema ganhou corpo ao mesmo tempo que se desorganizou. Além de lembrar – não por coincidência – algumas teorias francesas acerca do corpo, o importante aqui é que numa tarefa necessária porque afetiva – e afetiva porque necessária – vale sempre o risco do trajeto que pode levar a se perder. Porém, é impossível ir a lugar nenhum. Logo,

se perder, nessa dinâmica, é encontrar sempre algo, mesmo o que não existia. Ainda.

Foi cruzando esses territórios letrados, seus riscos recentes e seus monumentos – tanto aqueles em ruínas como os que ainda se encontram de pé (ainda) – que um possível emaranhado metodológico apontou a direção do desvio. O método como desvio; e vice-versa. Walter Benjamin, ao lado de suas *teses sobre a história* e de seu Paul Klee, tornou possível vislumbrar o presente trabalho; principalmente, a sua natureza:

Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína, e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos de progresso.¹

A noção de desvio nessa interpretação de Benjamin diz respeito ao passado, não como retorno, mas como abertura, passagem, religamento, para o que chama de *continuum da história*², a partir de “agoras”, de instantes revelados no tempo “saturado” de sua teoria materialista da história. Considerando a bipolaridade linear entre passado e futuro, o desvio é, nesse caso, em direção contrária.

Trazendo essa consideração para outro encontro, mais plástico e propriamente material, mais ou menos na mesma época em que esse texto é escrito e se inscreve no debate e na luta contra o fascismo, Flávio de Carvalho propõe uma experiência estética – vale nomear como ação de arte, em contraponto à obra de arte – que se configura também como desvio em direção contrária, intitulada “Experiência nº2”. O artista, um dos vértices do modernismo paulista – apesar de manter-se, a

¹ Benjamin, Walter. “Sobre o conceito de história”. In: *Magia e técnica, arte e política*. 1996.

² Idem. Idem.

princípio, fora do grupo entusiasta de artistas e escritores desse contexto – propôs uma provocação durante a procissão, em 1931, de Corpus Christi em São Paulo. Enquanto a procissão seguia seu fluxo cerimonial formando uma corrente fluvial de fiéis pelas ruas da cidade – movimento característico do cortejo de procissões e romarias – o artista incorporou-se num traje inusitado e realizou uma caminhada em sentido inverso, no contra-fluxo. Assim, contra a corrente, transitou, enquanto pôde, por entre a massa, motivado a testar a reação dos indivíduos ao seu gesto, misto de irreverência e enfrentamento. Sua investigação, segundo relata em *Experiência nº2*³ se relaciona com o interesse em trabalhar sobre a psicologia das multidões, ou das massas.

O que importa aqui é justamente a constatação da linearidade que parece claramente estar em jogo, soberana, mesmo em pensamentos radicais de ruptura como o de Flávio de Carvalho e o de Walter Benjamin. De um ponto de vista contemporâneo, é preciso levar em conta a superação, ou suplementação, das dinâmicas desviantes em expansão até aqui na década de zero, quando já inventamos físicas quânticas, lógicas difusas e campos ampliados. Desviar, enquanto romper, nos idos do período pré-segunda guerra, queria significar voltar, ir contra; como desejou Benjamin, escovar o processo a contra-pêlos. O alvo, o processo em questão, o inimigo, era, para além ou aquém de diversos eventos particulares, o conceito de progresso positivista, atravessado pelo hegelianismo. Outras tantas experiências, incursões práticas e teóricas, aconteceram nessa metade do século XX, obtendo, com efeito, alguns êxitos; as vanguardas, seus manifestos, seus pontos-zero. Muitas fraturas: variados flávios de carvalho pondo o corpo contra os corpos; diversos benjamins pensando contra o pensamento.

Mais tarde, já no final do século, a noção de movimento e de desvio tornam-se mais complexas. O flâneur de Baudelaire se distancia, deixando espaço para o deambular de Artur Barrio⁴. Quando as fraturas estão inevitavelmente expostas, o arruinamento evidente, o progresso esparramado, a História fragmentada e o

³ Carvalho, Flávio de. *Experiência nº2. Uma possível experiência e uma teoria*. 2001.

⁴ Pires, Ericson. *Cidade Ocupada*. 2007.

civitas colocado no banco dos réus, os corpos parecem ganhar terreno e experimentar a idéia de dimensão, em detrimento de direção. Com isso, a noção de movimento tende a ser expandida, dobrada, justaposta, fundida; enfim, dimensionada em sentidos e direções possíveis e impossíveis. Aparece, a partir daí, a explosão de possibilidades díspares de trânsitos e atravessamentos, criando lugares híbridos, velocidades incalculáveis, espaços repletos de subjetividade e significados saturados de relativismos e caos. Todos ambíguos entre si, numa trama de alavancas e armadilhas.

Assim, desviar assemelha-se a escapar; estar imerso, fazer parte e ser trânsito; assumir o trânsito como fluxo constante entre corpos e forças e nessa matéria se lançar. Escapar é a própria condição de imersão nesse fluxo, sob pena de ser capturado, ou seja, ter-se o trânsito brechado, obstruído; estar engessado numa posição de atrofia, de repressão. Estar no fluxo coloca a necessidade constante do desvio, de esquivar-se, impulsionar-se, aproveitar-se de certas forças que se aliem ao trajeto em curso, e passar por outras que a ele se opõem. Nessa concepção, escapar é tomar partido pelo movimento, entendido, a grosso modo, como no embate presente em qualquer rascunho de história da filosofia: parmênides/heráclito, racionalismo/empirismo, identidade/diferença.

Nesse sentido, em meio a diversos desvios propostos pelas letras, dois espaços-livro deram a força necessária para poder reduzir a amplitude do tema em algo mais simples e, assim, direcionar a dissertação. Primeiro o romance “Lugar Público”, de José Agrippino de Paula. Esse texto exerce a função de matéria detonadora do atual exercício de compreensão e invenção do espaço. Nele, Agrippino cria uma arquitetura que, inicialmente fechada no formato livro, prega peças constantes diante da tentativa de abordagem analítica tradicional, onde o sujeito é ativo e neutro diante do seu objeto de escolha. O romance, ou o universo apresentado nessas páginas, exige uma relação interativa com quem deseja lê-lo, propondo um encontro que esgarça qualquer hierarquia entre sujeito e objeto previamente estabelecida. Daí parece irromper uma experiência literária para fora do livro, criando uma compreensão – ou antes, reivindicando uma possibilidade de compreensão – a respeito de espaços híbridos, relativos, subjetivos, que deu o

ponta-pé inicial, assim como conduziu o percurso durante os atuais dois anos que serão aqui dissertados.

Em segundo lugar, os estudos de Gilles Deleuze e Felix Guatarri, reunidos sob o título “Mil Platôs” – mais especificamente o platô 14, dedicado a uma espécie de teoria geral dos espaços – deram apoio fundamental para debater com o romance. Nesse material, o desejo antigo de entender o espaço encontrou cumplicidade: o deambular lúdico pelas cidades, pelos lugares públicos, pôde ser entendido como a emergência de uma estratégia biopolítica de expansão e produção de alegria lá onde a vida se atrofia – o contrário é padecer estático. Nesse sentido, todas as cidades são as mesmas e todas as pessoas são iguais. Já os Países, não existem; aliás, nunca existiram. Diversas vezes.

É justamente nos seus fluxos, nas suas dinâmicas materiais e subjetivas, na sua lógica do poder de compra, na coreografia espetacular⁵ e, finalmente, na realização eficaz do espaço transnacional, é justamente aí que a semelhança se instala. Sem querer, com isso, descrever e provar a existência de circuitos específicos onde esses fluxos se compõem, menos ainda do ponto de vista sociológico, vale, enfim, atravessar essas propostas dinâmicas de se pensar o espaço a partir do romance e da teoria e, por fim, forjar novos espaços, resultados de ensaios diversos em direção a tudo isso.

⁵ Espetacular, aqui, faz menção direta a Guy Debord e *A Sociedade do Espetáculo*, assim como os desdobramentos contemporâneos dessa problemática relacionados às novas mídias, à espetacularização da vida privada e à economia de produção conteúdos.

1.2

Parte B – Manuscrito do autor

Se surpreenderam, a Terra Prometida era ali mesmo

José Agrippino de Paula

Em todos os países do mundo os homens se parecem. São semelhantes na roupa, na comida, nos edifícios e nos carros. São homens e se reproduzem nas Hierarquias das Multidões Crescentes. Nações desfiguram sua diversidade e ampliam seus mercados. Arquitetos e administradores trocam planos sobre o Transporte Diário das Multidões das Periferias Distantes, criando condições de existência de um número insolúvel de condições de existência humanamente difíceis. Na duração de tempo ~~de~~ Demolição-construção do metrô multidões.

desalojadas se encontram com seres desconhecidos da natureza desistindo de existir em universidades e estudando muito encontram funções sociais designadas desde o nascimento por cúpulas de planejamento do mais distante desconhecido. (2)

O transatlântico Queen Elisabeth navega como uma pirâmide lotada de casais de velhos turistas errantes fotografando tudo. No repouso do sol seres desconhecidos da natureza e entraram na praia do mar os velhos turistas hesitantes assustados pela primeira vez ali o mar.

Seres humanos nos edifícios olhando tudo no Mundo Consumado Igual fazem todas as catalogações e avaliações possíveis de tudo e colecionadores e museus recolhem seus patrimônios nas repartições específicas supervisionando tudo. Populações imóveis de riquezas sentadas

e de adultos sentados ocupam
espaços programados por técnicos. (3)
Novas crianças técnicas em mil
aparelhos nascendo.

Grande acumulação de cidades se
unindo formando cidades galaxias. Primeiras
as nações se tornam iguais e depois
todos habitantes de todas as nações se
tornam iguais e depois todos os habitantes
de todas as nações se tornam iguais. Pla-
nificadores se ocupam o tempo todo
e enviam planos em todas as direções.
E as nações-firmas vendendo e comprando
tudo reproduzem o Protótipo Homem
Planetário. O Planejamento Alimentar
comum a todas as nações extirpa
a fome acelerando desconhecidas
mutações no habitante do planeta.
Em condições químicas
alteradas pela extração de substâncias

do subsolo em combustão permanente (9)
nos ares e nas águas, se faz uma
Nova Mistura e se desfaz a completa
complexidade múltipla do planeta. Metos,
bisnetos e tata ranetos se adaptarão vivendo
e habitando a Nova Mistura.

Difundido no Mundo ~~Desse~~
Consumado Igual o Culto das Mercadorias,
dirigentes se distanciam, para sempre
em cúpulas intangíveis, dos subjugados
que recorrem a manuais de conhecimento
sumário dos dirigentes. Com a autorealização
de todos os Factos Militares pacificando
todas as guerras, todas as Organizações Militares
e Organizações de Espionagem Oficial
São transferidas para o ~~o~~ Uso Interno
no Serviço de Preservação de Subjugados
nos lugares específicos designados pelas

Nacional Bnto. Com a esta tização (5)
 do Espírito do Mercado são assinados
 todos os Pactos de Interdependência
 das nações planetárias e cessa para
~~sempre~~ sempre a variabilidade e mutação
 dos sistemas de governo. O Espírito
 Comum de Compra e Venda de Tudo extirpa
 todos os conflitos humanos e funda a
 Obrigatoriedade Igual de todos os
 habitantes do planeta a se tornarem Membros
 Ativos desta Organização Planetária de
 Produção de Tudo. Inevitável o Entulho
 Planetário acumulado em poucos anos
 todos habitantes se adaptam e se
 tornam apóstolos do Culto da Multiplicação
 Infinita das Mercadorias.

A Transfiguração da Terra foi
 feita pela duração de vida de todos os

os seres se movendo, ali os animais (6)
 viviam comendo e destruindo e depois
 milhões de anos nasceram outras ordens
 de animais, milhões e se multiplicavam
 os que tinham mais poder; mosquitos,
 lagartos e bichos de todas espécies trocavam
 a soberania e dominio e depois veio a
 Era do Homem. Na Soberania do Homem
 e de todos os homens, dez bilhões se
 movendo, escavando, misturando e movendo
 tudo do lugar. Na Soberania do Homem
 existem hierarquias de Eras de Dominio,
 e povos vindos da Europa e America
 do Norte ocupam os postos altos da
 Soberania Planetária. Outros povos se
~~exercem~~ ~~exercem~~ ~~exercem~~ escravizam
 nas roupas, comidas, diversões, carros,
 edificios, trabalhos e a Todos Modos
 de Existir destes povos tristes vindos do
 Hemisfério Norte!

Com todo tempo a disposição,
~~seu~~ ~~quarenta~~ ainda comem quarenta
 comem quarenta e um. Sendo tudo
 menos, e sendo tudo mais simples todos
 os poucos dali daquele lugar estão alegres.
 Sendo cosido a lenha num só caldeirão
 grande, aceso o fogo tudo será feito
 na sequência de um pensamento simples.
 No fundo do caldeirão são fritos no
 azeite de dendê os peixes de escama, e retiram
 os peixes e despeja a água e o sal
 são cosidos os legumes dali daquele
 lugar. Se retiram os legumes cozidos
 e na água quente se cozinha o
 arroz dali daquele lugar. Arroz ~~impregnado~~
 impregnado de muitos sabores, peixes e

Com todo tempo a disposição,
~~comem~~ ~~quarenta~~ comem quarenta
 comem quarenta e um. Sendo tudo
 menos, e sendo tudo mais simples todos
 os poucos dali daquele lugar estão alegres.
 Sendo cosido a lenha num só caldeirão
 grande, aceso o fogo tudo será feito
 na sequência de um pensamento simples.
 No fundo do caldeirão são fritos no
 apito dentro os peixes de escama, e retiram
 os peixes e despeja a água e o sal
 são cosidos os legumes dali daquele
 lugar. Se retiram os legumes cozidos
 e na água quente se cozinha o
 arroz dali daquele lugar. Arroz ~~impregnado~~
 impregnado de muitos sabores, peixes e

de carros, raios, estradas, docas (9)
penitências, edifícios, cidades, multidões.
Uma visão do ser humano futuro dentro
de si um homem pensando muito e
triste com muitas coisas. Uma intuição
de tudo que acontece e fica sempre
caindo no pensamento novos pensamentos
fazendo a busca de um modelo fora
do mundo consumado igual.

1.3

Parte C - Crônica

O manuscrito anterior surgiu logo no início do mestrado. Trata-se de um manuscrito até aqui inédito. Diversas questões tangenciam meu acesso a esse texto. De uma maneira geral, todas dizem respeito a relações pessoais. De maneira alguma, é interessante que fique claro, o objeto apareceu como fruto de um processo de pesquisa, resultado de uma ciência do pesquisador, seja ele historiador, arqueólogo, paleontólogo, ou tudo isso ao mesmo tempo. Ao contrário, parece ter sido um tipo de achado-tropeço. Um tropeço em amizades, circuitos e na própria cidade do Rio de Janeiro.

Como cidade do Rio de Janeiro, vale aqui o pedaço estético: estetizado e estetizante. Aquele que vive ao redor de uma Lagoa, entre uma restinga e uma montanha, e que, aparentemente, possui uma baía para onde um senhor olha fixamente de braços abertos, sem conseguir fechá-los. Na capital dessa cidade, chamada Leblon, habitam várias pessoas bonitas, inteligentes, influentes, ligadas à cultura e ao entretenimento – às vezes também à arte. Dentre essas pessoas, conheço várias e, de algumas, sou amigo. Naturalmente que conheço e sou amigo. Sou também carioca: bonito, inteligente, influente, ligado à cultura, entretenimento e às vezes à arte. Apesar de não morar por aí, ter nascido em outra cidade chamada Jacarepaguá e ter morado durante muitos anos em outros sítios, no Brasil e fora dele, apareço muito no Leblon: de noite, que é hora boa. De dia faz muito calor, e praia mesmo é no arpoador.

Acontece que um dia, na verdade, uma noite, início da noite – quer dizer, pós universidade, biblioteca, livraria, tudo ali pertinho mesmo, no máximo até a Gávea – passando na frente do restaurante Diagonal (onde aliás, junto com outros amigos, somos *persona non grata*) para dar aquela olhadinha típica da capital, recebo um telefonema. Meu celular não costuma soar, fica só no *vibra-mode*, o que me dá tempo de pensar se dou atenção ou não. No caso, a olhada tava fraca - e já tinha passado pelo Ithaí e pelo Jobi. Como só me restava a Pizzaria Guanabara (óbvio demais), resolvi checar. Era meu amigo, o Miguel. Com amigo não se

blefa, pensei lembrando de outro amigo que sempre fala isso, o Luísândrade. Vale aqui justificar o uso do artigo definido antes dos nomes das pessoas: não se trata de nenhuma ontologia gramatical, simplesmente constatação de que as pessoas na capital gostam muito de usar esse artigo (dizem que por relação com a nobreza do Brasil império, algo como importância e distinção). E, claro, independente dos portugueses, uma rede de amigos constitui-se como a sua corte. Mesmo falida. O amigo é distinto e importante. Atendi.

O Miguel sabia que meu tema no mestrado tinha alguma coisa a ver com José Agrippino de Paula, mesmo sem saber exatamente o que. Normal: faz muito pouco tempo que mesmo eu não sabia. De qualquer maneira, todos os amigos mais próximos, no mínimo os ligados à academia, ou aos debates meio intelectuais, meio de esquerda, inclinados à filosofia ou à cultura brasileira (raramente os dois juntos), sabiam que existia Agrippino na parada. Primeiro porque não é toda hora que esse escritor existe; isso já traz uma marca no trabalho (aquele cara que alguns sabem e poucos conhecem). Depois, porque nesse recorte de amigos, o Ericson é central na articulação do circuito, ou da corte. Todos, por mais que não se encontrem, acabam por encontrar pelo menos o Ericson, onde as coisas muitas vezes se atualizam. Foi ele quem me apresentou o Agrippino, logo após eu ser preterido na primeira seleção do programa de pós-graduação em Letras da PUC-Rio. Agora vos escrevo. Isso certamente se deve à inclusão das questões de Agrippino no meu percurso pessoal e, precisamente, no projeto apresentado à banca de seleção pela segunda vez. Obviamente, todos falamos sobre isso. Além disso, Agrippino tem uma posição bastante clara na nossa corte: o escritor de Panamérica (que fez também mais um montão de coisas, que foi citado por Caetano Veloso na música Sampa e em seu livro “Verdade tropical” (...ano) tinha servido de forte inspiração para o Botika – que ainda será visto como objeto de análise nesta dissertação - escrever seu primeiro romance, Lucas Frizzo, editado pelo Serginho na Azougue editorial (que aliás editou o primeiro livro de poemas do Ericson e outros organizados pelo Miguel). Serginho trabalha dando trabalho aos amigos: é também distinto e importante. Aparece no Leblon mas vai embora cedo.

Assim, sem saber exatamente o quê, o Miguel me diz pelo telefone que encontrou um texto manuscrito do Agrippino, fotocopiado – ou seja, não era a matriz – dentro de uma edição de Panamérica que pertenceu a Waly Salomão, tomada emprestada do amigo Omar. Não se deve estranhar a repetição da palavra amigo; é importante para o texto e, de fato, temos muitos amigos. Omar, não por acaso – ou não – é filho de Waly e, além de ser amigo, importante e distinto em si mesmo, as vezes nos sai com pérolas como essa, fruto de seu arquivo familiar. Deve ser bastante gratificante ler um escritor que se gosta e respeita a partir do livro que um segundo escritor (que também se gosta e respeita) leu o primeiro - e nele tomou notas, destacou páginas e passagens. O Miguel deve poder confirmar isso, com esse Panamérica da década de 80, a segunda edição. O Ericson também, que, mais velho (como ele mesmo diz, assistiu à pré-estréia de Superman 1 no cine Odeon), chegou a ter uma relação de amizade com Waly, e posteriormente toma emprestado por Omar o Anti-Édipo, com todas as anotações pessoais do primeiro leitor. O Ericson me apresentou também o Omar que, além de bons poemas, editados não por Serginho, mas por outras cortes que frequenta – e performatizados por ele na banda de roque que sustenta, juntamente com o Qinho (cantor e *band-leader*) – nunca me deu nada diretamente, mas, sem saber, indiretamente, acabou por fundar a abordagem deste trabalho como um todo, assim como criar um desejo de busca – ou estratégia – dentro do trabalho de Agrippino.

Enquanto o Miguel falava do manuscrito, que ainda não tinha lido tudo mas que poderia ser interessante pro trabalho de mestrado que viria, fiquei pensando que os restaurantes e choperias estavam meio vazios, nenhuma companhia interessante, talvez ainda muito cedo. Interrompi a descrição e propus que nos encontrássemos logo. Disse que eu estava de bobeira e que se ele quisesse, eu iria ao encontro dele para lermos o texto juntos e, se possível, sei lá, tomar uns cafés e fumar um pouco. O Miguel mora com os pais aí na capital, pertinho de tudo o que interessa; aliás, tudo é pertinho na capital, mas nem tudo interessa.

Cheguei em quinze minutos de carro. Se fosse a pé também levaria quinze minutos e ainda, quem sabe, teria a chance de cruzar com várias outras pessoas bonitas, inteligentes, interessantes, ligadas à cultura e ao entretenimento – às

vezes à arte – no meio do caminho. Porém, nunca se sabe. Depois poderíamos querer esticar pra outro canto fora da cidade, tipo a Lapa (mesmo sendo raro esses amigos curtirem a Lapa; nunca se sabe), ou até mesmo Santa Teresa, e aí teríamos mais quinze minutos a pé, no sentido contrário, até o carro. No Rio, principalmente na capital, quinze minutos é mole; já meia hora, pode ser fatal. Por isso fui de carro mesmo. Fumamos enquanto o café saía, preparamos o texto em cima da cama de maneira a podermos ler todos dois ao mesmo tempo, e constatamos tudo através de olhares e destaques tônicos durante a leitura.

O texto nos parecia ótimo, nos sintetizava uma série de discussões oriundas de diversas áreas do conhecimento, com ritmo poético, profético e analítico. Muitas interjeições lançadas a cada passagem, a cada tirada afiada em direção ao mundo atual que nós acreditávamos viver, mas dúvidávamos que Agrippino poderia, de fato, ajudar a entender, a digerir. Assim vieram as dúvidas. Seria o texto de certo escrito por Agrippino? Não poderia ser uma carta de Waly endereçada a Agrippino, fotocopiada pelo primeiro para tê-la guardada consigo? Ou, quem sabe, um fragmento de algum texto maior de Agrippino ao qual Waly teria tido acesso sabe-se lá como, e, achando pertinente, o transcreveu e guardou dentro da edição que possuía de Panamérica? Ou ainda, alguma comunicação pessoal, carta ou crônica, de algum outro interlocutor destinado a Agrippino – ou o contrário, de Agrippino destinado a outrem – que Waly tomou conhecimento e decidiu fotocopiá-la ou transcrevê-la para guardar em sua biblioteca? E quando teria sido escrito, em que data? A julgar pela aparência da fotocópia original – ainda pouco amarelada, não teria mais de 10 ou 15 anos bem guardada. A julgar pelo conteúdo do texto, qualquer um de nós poderia intuir a dificuldade de datá-lo anterior à década de 70, ou mesmo à última metade da década de 70.

Essas questões formam aqui uma espécie de resumo da problemática que nos atravessou diante deste arquivo. Daí decorrem outras possíveis variações que todos podemos intuir, relativas ao arquivo pessoal sem maiores informações oficiais, documentais, juramentadas, ou qualquer outro estatuto de verdade que só os sistemas burocráticos podem prever e registrar. Em meio a todas essas perguntas, fomos até a fotocopiadora mais próxima para gerar uma cópia que

pudesse ficar comigo, a fim de pensá-la, estudá-la, analisá-la, juntamente com outros materiais de Agrippino que viriam durante a pesquisa.

A fotocopidora mais próxima ficava a duas quadras; como tudo na capital, bem pertinho, logo ali. Porém, seguindo o padrão local, um tanto quanto complicado de se alcançar. Talvez, do ponto de vista de um nativo, possa parecer exagero. Tudo é pertinho mas, uma vez no endereço certo, é preciso cruzar uma galeria repleta de ofertas de tudo o que ninguém precisa mas tem vontade de comprar. Depois, um lance de escadas rolantes que nos leva a outra galeria muito semelhante. Sempre é eficaz tomar informações, numa de ganhar tempo, com algum tipo que lembra um capitão do mato dos engenhos, aquele que fica julgando, de pé, vestido com uma imitação barata de terno Armani, se o transeunte é um burguês consumidor ou alguém como ele – o que poderia significar problemas para o seu trabalho. Éramos burgueses consumidores: tudo bem. A livraria papelaria que possui uma fotocopidora nada obsoleta – em detrimento dos papéis e livros – ficava no primeiro subsolo. A caminho das escadas rolantes, imersos nessa dinâmica da capital e em todas essas passagens e questões do manuscrito em nossas mãos, cruzamos o caminho de outro ilustre poeta, admirado tanto por mim quanto pelo Miguel, Jorge Mautner.

Mautner vinha um pouco mais à frente, como que três ou quatro passos, rumo à mesma escada rolante que levava ao subsolo onde se encontrava a fotocopidora. Nos olhamos, eu e o Miguel, cúmplices de tamanha convergência: Agrippino, Waly, Mautner. Claro que isso pode parecer besteira, de uma perspectiva distante dos nossos interesses. Mas eu, o Miguel, o Ericson, o Botika, o Omar, o Qinho, o Serginho e tantos outros amigos do circuito, achamos sempre que temos alguma coisa a ver com propostas delirantes das décadas de sessenta e setenta. Mautner, além de várias canções e inserções nesses idos recentes, foi editado completo por nosso amigo Serginho, numa linda caixinha de três volumes. Quem de nós, até aí, fazia menção mas não tinha acesso ao material de Jorge Mautner, não teve mais desculpa. Além dos textos desse período quase mitológico da “Mitologia do Caos”, ganhamos também um disco de canções regravadas exclusivamente para a edição da Azougue; aliás, vale dizer, regravação executada por jovens músicos da nossa geração de grande talento e envergadura (lindo disco).

Nesse momento, levávamos o manuscrito dobrado como o Miguel recebeu, dentro da segunda edição emprestada de Panamérica. Automaticamente, como que combinado, tiramos o manuscrito da cena, destacamos a edição de Panamérica, apertamos o passo, e abordamos Mautner. Em realidade, já nos conhecíamos. Eu já o cruzei em diversas situações ligadas à música, como, por exemplo, quando ele fez uma partição em meu show do grupo Hapax, na ocasião do lançamento de nosso disco em 2005 no Teatro Rival, Cinelândia. O Miguel, por sua vez, doutorando na PUC-Rio, ligado, inclusive, em seus estudos, à música popular brasileira, compositor e amigo de diversos atores dessa área, também, em algumas ocasiões, já havia travado uma comunicação direta com Mautner. É claro que o próprio Mautner dificilmente poderia lembrar de tudo isso. Quantas participações em shows e discussões sobre música e cultura brasileira esse guru já deve ter participado?

Mautner reagiu à abordagem com diplomacia. Nada acrescentou sobre Panamérica, mas também nada subtraiu. Ficou o dito pelo não dito. Nunca se sabe. Todas as gerações, principalmente aquelas que se viam de fato como gerações, possuem suas entrelinhas, seus subtextos. Durante o tempo de descida pela escada rolante, levamos a breve conversa para a formalidade da edição, as cores, o volume, a data, e alguma relevância irrecusável em relação à geração tropicalista. Acabamos por não mostrar o manuscrito a Mautner. Sem demais razões articuladas racionalmente, pareceu claro a importância desse texto enquanto escrito perdido, contendo seus mistérios, seus caminhos duvidosos, suas assertivas ao mesmo tempo atuais e históricas, seu estilo direto e codificado. De toda maneira, após tomar conhecimento de diversas outras produções de José Agrippino, seu estilo, temática e materialidade, inclusive em outras linguagens como o cinema, eu considero e aposto que o texto é mesmo dele.

Com as fotocópias em mãos e um trabalho pela frente, pensamos, eu e o Miguel, que já estávamos em boa hora para a pizzeria Guanabara. Todos os amigos já deveriam ter ocupado alguma mesa para falar de tudo e, provavelmente, essa situação aqui narrada, nem seria lembrada durante as eufóricas discussões daquela noite.